

O Reinado de Três Anos: Análise da trajetória cinematográfica de T'Challa, o Black Panther¹

Ellen Alves LIMA²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente trabalho busca analisar as projeções cinematográficas do personagem T'Challa como Black Panther no Universo Cinematográfico da Marvel. Ao focarmos nossa análise em um dos únicos protagonistas negros da Marvel Studios, o projeto busca levantar as possíveis rupturas no imaginário hegemônico de heroísmo. Desse modo, a pesquisa contém um caráter teórico contra-hegemônico. Para problematizar as devidas projeções nos basearemos em conceitos teóricos dos autores Grada Kilomba (2019) e Adilson Moreira (2019). Assim, examinamos dados referentes aos arcos narrativos, figurinos e questões relativas à representatividade negra nessas obras mainstream.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; negritude; herói; Marvel.

CORPO DO TEXTO

O Universo Cinematográfico da Marvel atualmente participa da lista das dez maiores bilheterias mundiais com quatro filmes³. Dentre eles o de maior sucesso é *Avengers: Endgame* (Anthony Russo e Joe Russo, 2019) com 2,797 bilhão USD. Assim, torna-se possível perceber a relevância desses filmes para a cultura pop e mundial. Por isso, é preciso destacar que todas as obras da Marvel presentes nessa lista foram dirigidas e protagonizadas por um caráter hegemônico.

Embora o Universo Cinematográfico da Marvel obtenha uma gama de filmes com números exorbitantes de bilheteria, há uma característica em comum em suas produções. Ao ampliar a observação sobre seus filmes a partir do ano de 1998 com a estreia de *Blade* até o ano de 2024, pode ser percebido que das sessenta e oito produções exibidas, sessenta foram protagonizadas por homens (sendo apenas quatro delas por dois homens negros e uma por um homem asiático) e oito por mulheres (sendo apenas uma delas por uma mulher negra).

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do "POPMID: Reflexões sobre Gêneros e Tendências em Produções Midiáticas" coordenado pelo prof. Dr. Yuri Garcia. Membro do "LABIM: Laboratório de Estudos do Imaginário" coordenado pelo prof. Dr. Erick Felinto. Bolsista do Programa Nota 10 - Mestrado – FAPERJ, e-mail: ellen2000.a.l@gmail.com

³ Notícia disponível em: <https://m.imdb.com/list/ls063607392/>

Ao considerar que a partir do ano de 2017 surgiram mais personagens diversos, pode-se observar o efeito das manifestações sociais em grandes premiações de Hollywood, como: a *#OscarsSoWhite* em 2015 que destacava a falta de representatividade racial na premiação, a *#MeToo* em 2017 que surgiu após atrizes de Hollywood denunciarem produtores de cinema por assédio, dessa maneira, em janeiro de 2018 diversas atrizes compareceram ao Golden Globes vestindo roupas pretas em forma de protesto contra o assédio na indústria. As adaptações cinematográficas da Marvel Comics pertencentes a Saga do Infinito que surgiram com protagonistas diversos foram: *Black Panther* (Ryan Coogler, 2018) e *Captain Marvel* (Anna Boden e Ryan 2019).

Contudo, é preciso refletir como a cineasta Ana Julia Travia analisa essas mudanças na indústria cinematográfica, ao escrever a seguinte frase em seu texto *Uma cinema negra: limitações ou rupturas hegemônicas* (2021): “A indústria sempre precisou dos marginalizados para se renovar e se fazer relevante ao trazer novos movimentos. Para inovar quando atinge a mesmice, por assim dizer.” (p.221). Portanto, podemos encontrar ressonância do discurso da cineasta ao observar as bilheterias dos respectivos filmes pois *Captain Marvel* (2019) obteve 1,131 bilhão USD enquanto *Black Panther* (2018) 1,344 bilhão USD. Desse modo, pode-se considerar que a projeção de obras com protagonistas contra-hegemônicos atingiu um certo sucesso financeiro naquele contexto.

Portanto, compreende-se que as obras audiovisuais do UCM são impactadas pela perspectiva dominante do cinema, pois a maioria de suas projeções apresentava apenas um tipo de herói ocorrendo uma certa mudança após o ano de 2018. Para exemplificar esse impacto e até a sua reconfiguração, o trabalho busca investigar todas as projeções do rei T’Challa, observando desde sua primeira aparição em 2016 e acompanhando seu progresso até a sua última participação em 2019. Vale ressaltar que, a projeção de um herói negro era algo novo para a marca que projetou mais de sessenta heróis brancos e apenas um negro, assim, evidenciamos como essa instituição com bilheterias bilionárias projetou um protagonista negro. Desse modo, instiga-nos a questionar se existem ou não elementos pejorativos no perfil de personagem, arco narrativo e figurino de T’Challa.

Em termos de metodologia, desempenhamos sobre os três filmes, *Black Panther* (2018), *Avengers: Infinity War* (2018) e *Avengers: Endgame* (2019), as devidas análises filmicas. Contudo, o trabalho terá uma metodologia de caráter mais teórico. Através de um arcabouço bibliográfico sobre o personagem e questões que versem com as pautas de representatividade negra no cinema, iremos construir uma base analítica que integre

dados referentes às produções que possa auxiliar as análises. Por fim, proporemos uma investigação na questão narrativa dos filmes, tendo em conta o trabalho de Kilomba (2019) e Moreira (2019). Assim podemos compreender se a maneira na qual o herói foi projetado versou com retóricas e comportamentos coesos com políticas decoloniais ou hegemonias.

Logo, é preciso abordar o tema negritude na sociedade ocidental. De acordo com Adilson Moreira em *Racismo Recreativo* (2019) a negritude é prejudicada em suas projeções nos meios de comunicação. Então, destaca que esse fator afeta até a dignidade do indivíduo negro, visto que ele não se vê de maneira digna nas telas. Dessa maneira, é possível perceber que a branquitude ocupa o espaço de soberania na nossa sociedade, e se privilegia enquanto o corpo que detém o poder para idealizar as imagens e se manter como superior.

Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* (2019) disserta sobre como o racismo não é algo do passado, e que sim está presente em diversas camadas do sistema atual. A autora apresenta conceitos como: racismo institucional, racismo estrutural e racismo cotidiano. Cada um dos termos indica formas de violência contra a negritude, desse modo, compreende-se que, “o racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc.” (2019, p.76).

Portanto, a autora destaca a desigualdade racial e os mecanismos em que a encontramos através do fluxo de poder na sociedade. Enquanto um livro pós-colonialista, Kilomba desenvolve um outro conceito mais particular quando se discute sobre negritude. A autora adverte que, ao ser apenas um homem negro ou apenas uma mulher branca já existiria um caráter contra-hegemônico, entretanto, ao conter em si duas camadas minoritárias, mulher e negra, é considerada o outro do outro. Ou seja, apesar do homem negro ainda ser um homem esse caráter não o emancipa da marginalização que experencia ao ser negro.

Vale explicar que, não podemos indicar que ao existirem indivíduos contra-hegemônicos no processo de idealização ou projeção do projeto que o conceito de representatividade esteja concluído. Bell Hooks afirma em *Cinema Vivido* (2023) que, na década de 90, mesmo que alguns diretores ou o elenco fossem negros ainda assim criavam narrativas hegemônicas.

Logo, será feita a análise da trajetória cinematográfica do personagem T'Challa que inicia sua jornada no Universo Cinematográfico da Marvel em *Captain America Civil War* (2016) como o príncipe de Wakanda que acompanha seu pai em uma reunião que pretende aprovar o tratado de Sokovia. Um regulamento que buscava sistematizar os vingadores de acordo com o interesse do governo dos Estados Unidos. Desse modo, percebe-se que a chegada do personagem é envolvida com questões políticas. Seu posicionamento era a favor da regulamentação, entretanto contra o governo estadunidense. T'Challa perde seu pai em um ataque terrorista nessa mesma cena e torna-se o rei de Wakanda.

Em *Black Panther* (2018), apresenta-se a história de T'Challa, o rei de Wakanda. Por ser o rei, também passa por um ritual para torna-se o herói do país, o Pantera Negra.

O título de Pantera Negra, na tradição de Wakanda, é passado de geração em geração e, após a morte de cada pantera, um ritual é realizado. Aquele que vencer em uma luta seus oponentes é coroado reside Wakanda. Ou seja, o Pantera Negra, é essencialmente, um líder guerreiro, eleito pela própria força em batalha. O aspecto heroico se faz muito presente nesse momento. No entanto, ao mesmo tempo, após a vitória luta, o vencedor bebe um líquido ritualístico, que confere a ele os poderes sobre-humanos do Pantera Negra. Aqui, o mito místico ganha força. Da mesma forma, xangô é fruto da força diurna de Aganju e das águas profundas noturnas de Iemanjá. (SOARES et MARTINS, 2022, p.22)

Ao observar o país tecnologicamente avançado, que se situa no continente africano, que não passou pelo processo de colonização ou escravidão podemos indicar que não era uma narrativa usualmente projetada nas telas de cinema de Hollywood. De acordo com a perspectiva do autor Eugênio Lima é possível considerar Wakanda como um exemplo de ambiente afrofuturista.

Afrofuturismo é uma ideia força cujo principal objetivo é servir e proteger os corpos negrxs, criando um refúgio, um lugar seguro para explorar futuros é uma TAZ, uma zona autônoma temporária, um local de engajamento ativo para a criação de futuros negros livres da biblioteca colonial. Um local onde não há a cisão entre negritude e tecnologia. Ou seja, Afrofuturismo é uma utopia ativa na qual os negros se libertam das restrições do racismo; pois o passado e o presente racistas são distópicos. (LIMA, 2020, p.7-8)

Wakanda e seus personagens tornam-se uma precisa expressão desse movimento a partir da descrição indicada acima. No ano de 2019, a obra audiovisual recebeu três Oscars relacionados a melhor figurino, melhor direção de arte e melhor trilha sonora, e

outras indicações como melhor filme. Percebe-se que os prêmios recebidos se referem, principalmente, à estética do filme. Por essa razão, percebe-se a relevância da estética do afrofuturismo, visto que há a presença de referências e combinações de diversas culturas africanas nos cenários e figurinos de Wakanda. A obra arrecadou 1,344 bilhão USD e tornou-se o segundo título mais rentável do ano de 2018⁴.

Ao observar *Black Panther* (2018) percebe-se elementos interessantes para as discussões sobre representatividade, como o elenco diverso com personalidades que fogem de estereótipos. Compreende-se também que é uma obra com idealização artística majoritariamente negra, enquanto os produtores ainda seguem um caráter hegemônico. Também buscamos problematizar o personagem Everett Ross (homem, branco, cis e hétero) que na narrativa salva o mundo no lugar do herói protagonista.

Em *Black Panther* (2018) o enredo do protagonista envolve compreender como deve governar o país mais avançado tecnologicamente do planeta. Então, o herói amadurece o relacionamento com o seu pai no plano espiritual, observando o que deve ser mantido e o que deve ser mudado. Por essa razão, o Black Panther decide implementar o *Wakandan Outreach Center* uma organização que irá patrocinar estudantes pertencentes de minorias ao redor do mundo, como uma forma pacífica de ajudar àqueles que não tiveram o mesmo contexto histórico que Wakanda.

Aqui encontramos um fator interessante do herói africano, sua maneira de cooperar com o aprimoramento do mundo não é apenas participando de grandes guerras, além disso busca impulsionar o interesse por ciência e educação nos jovens que não tem acesso a oportunidade. O protagonista contrasta com a ideia apresentada por Burke (2015) em seu capítulo 1, ao diferir do interesse militar como solução para os conflitos mundiais. Desse modo, retira-se do contexto neoliberal e imperialista constantemente idealizado nos filmes de guerra de Hollywood e apresenta a educação como uma solução possivelmente mais eficaz para o progresso mundial.

Por fim, o herói aparece em *Avengers: Infinity War* (2018), uma das lutas principais do filme ocorre em Wakanda e o rei organiza a batalha ao lado do Captain America. Enquanto em *Avengers: Endgame* (2019) o Black Panther surge para participar da luta final com seu exército. Sua participação nessas obras não ultrapassou da camada superficial de golpes e socos, notamos pouco tempo de tela.

⁴ Notícia disponível em: <https://srzd.com/blog/colunas/ana-carolina-garcia/top-10-as-maiores-bilheterias-de-2018>

Logo, o trabalho será direcionado para compreender desde os elementos narrativos dos filmes até um certo acontecimento que ocorreu fora das câmeras. O falecimento do protagonista, Chadwick Boseman, após a luta contra o câncer de cólon em 2020. Embora o ano de 2020 esteja demarcado pela pandemia da covid-19, também ocorreu a manifestação social, dentro e fora das plataformas digitais, *Black Lives Matter*. A manifestação foi iniciada após a intensa propagação do vídeo do civil George Floyd sendo assassinado por policiais. Desse modo, foram duas perdas marcantes no ano de 2020 que são relevantes para se discutir racialidades.

Embora levantemos dados relativamente interessantes para se discutir representatividade negra, não excluimos que estamos examinando um ambiente que possivelmente projetou essas narrativas em busca de lucro e melhor aceitação no mercado. Também notamos que os CEOs da Marvel assim como os produtores das obras cinematográficas citadas acima ainda seguem um caráter hegemônico. Ou seja, há uma certa mudança no protagonismo e nos cargos de idealização como direção e roteiro, entretanto não observamos a mesma mudança nos cargos de poder. Por isso, vamos problematizar a projeção de T'Challa analisando os elementos de sua construção e que o rodearam.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Liam. **The Comic Book Film Adaptation**. Mississippi: University press of Mississippi, 2015.
- HOOKS, bell. **Cinema Vivido: Raça, classe e sexo nas telas**. São Paulo: Elefante, 2023.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIMA, Eugênio. Afrofuturismos Utópicos*. In: DINIZ, Alexandre, NGUENGUE, Aisamenque, LIMA, Anderson, NETO, Israel (org.). **Antologia afrofuturismo: o futuro é nosso, volume 1**. São Paulo: Kitembo Edições Literárias do Futuro, 2020.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.
- SOARES, Alan Rodrigues e MARTINS, Ana Taís. Afrofuturismo Em Pantera Negra (2018): As Imagens Do Negro No Futuro. In: LUSVARGHI, Luiza (org.). **Afrofuturismo, xenofobia e feminismos no cinema**. São Paulo: Polytheama, 2022.
- TRAVIA, Julia. Uma cinema negra: limitações ou rupturas hegemônicas. In: MARTINS, Renata (org.). **Empoderadas narrativas incontidas de mulheres negras**. São Paulo: Oralituras, Spcine, Mahin Produções, 2021.